

O BEBÊ BRINCA DESDE O ÚTERO MATERNO?¹

Rosely Perrone

INTRODUÇÃO

Com os avanços tecnológicos das imagens da ultrassonografia e, mais tarde, da ecografia 4D foi possível investigar o universo fetal e o processo para o desenvolvimento do bebê *in utero*, assim como a dinâmica do seu comportamento durante os diferentes estágios da gestação.

Estudos contemporâneos revelam que, em útero materno, o bebê é um ser humano dinâmico em constituição, reage a estímulos e promove provocações, movimentase, abre e fecha a boca, chupa o dedo, agarra o cordão umbilical, dorme e acorda, entre outras ações, sendo inclusive, capaz de ter condutas organizadas, harmoniosas e criativas (Fagard, Corbetta, 2014; Myowa-Yamakoshi, Takeshita, 2006; Piontelli, 1995; Reissland, Austen, 2018; Reissland et al., 2014; Reissland, Francis, Mason, 2012; Rotenberg, Marques, Menna-Barreto, 2003; Sparling, Wilhelm, 1993; Trevarthen, 2017). Essas realizações não ocorrem sem sentido; todos esses comportamentos parecem se dar em busca de conforto associado ao prazer, de forma intencional.

A teoria da intersubjetividade inata presume que o bebê nasce com uma predisposição para interpretar os estados subjetivos do outro e buscar trocas mútuas (Trevarthen, 1993, 2004). Esse conceito aponta que, desde sempre, o bebê possui capacidade de atuar, efetivamente, em interações com o outro, por meio de uma linguagem multimodal (Trevarthen, 2019).

Nessa perspectiva científica, o bebê possui competência de comunicação ativa, que lhe possibilita interpretar o outro e o entorno, fazer escolhas, expressar desejos e revelar seus saberes, intencionalmente, ainda que em ambiente uterino (Parlato-Oliveira, 2019; Trevarthen, 2019).

Esses achados trazem muitas reflexões acerca do início da vida, especialmente em relação às experiências sensorio-motoras e à intencionalidade comunicativa vivenciadas pelo bebê *in utero*. Do que é capaz o bebê em ambiente uterino? A sensorio-motricidade do bebê intraútero seria a origem da brincadeira sensorio-motora? Agarrar e soltar o cordão umbilical pode ser interpretado como um jogo de *fort-da*? Será que o bebê brinca intencionalmente em útero materno?

¹ Este trabalho foi inspirado nos bebês *in utero* e suas mães. Contudo, ele é também resultado dos nossos estudos com a psicanalista e pesquisadora Professora Doutora Erika Parlato-Oliveira.

O BEBÊ *IN UTERO*

As investigações recentes vêm mostrando muitas correlações entre o bebê e a sua mãe e sugerem que, mesmo antes de nascer, ele já é dotado de muitas competências. Suas habilidades comunicativas revelam um ser eminentemente organizado e, sobretudo, complexo. Em útero materno, inicia trocas interativas de modo intencional, executa ações coordenadas, expressa-se e se comunica pela linguagem corporal (Parlato-Oliveira, 2019; Trevarthen, 2017, 2019).

A interação do bebê *in utero* com a sua mãe e com o entorno pode ser contemplada pela vibração, o movimento, o tato e a gustação revelados pelas imagens no exame de ultrassom ou de ecografia, envolvendo as dimensões dos aspectos sonoros, da motricidade e da sensorialidade, cujo bebê exerce um controle ativo no processo.

O ambiente uterino constitui-se, de tal modo, em um núcleo ativador sonoro para o bebê, facilitando a percepção dos sons internos, como os batimentos cardíacos ritmados e os sons respiratórios e dos movimentos peristálticos maternos, assim como a recepção dos sons externos. Intraútero, o bebê é capaz de diferenciar particularidades do som que ouve em relação a intensidade, altura, familiaridade e direção. Pesquisas com bebês pré-termo indicam que, ao ouvir o som da voz materna, a frequência cardíaca e a taxa de sucção do bebê aumentam (Busnel, Granier-Deferre, 1983; Butler *et al.*, 2014; Fischer, Als, 2004).

Além disso, desde o útero materno, os ritmos biológicos já estão presentes no bebê e vão se modificando ao longo do tempo, tanto quanto os ciclos ambientais que promovem sua sincronização. Segundo Menna-Barreto e Wey (2007), os ritmos biológicos em ambiente uterino são sincronizados pelos ritmos maternos. É o padrão rítmico da atividade materna e as substâncias que chegam a ele que marcam um espaço uterino rítmico.

Nesse sentido, as primeiras experiências vitais *in utero*, certamente, estão absorvidas pela percepção dos ritmos maternos, que parecem servir a um primeiro grau de organização psíquica em relação à presença-ausência (Prat, 2011). As primeiras experimentações em útero materno são rítmicas, portanto, a vida é ritmo antes de tudo.

Piaget (1942) tratou o ritmo como uma das três estruturas fundamentais da vida psíquica, ao estabelecer as bases para a teoria do equilíbrio dinâmico humano, visto que para ele, o ritmo gere os primórdios da ação, além dos mecanismos básicos da percepção (Ratcliff, 1998).

A sensação e a percepção do ritmo *in utero* possibilitam ao bebê estruturar suas próprias ações combinadas ao ritmo de sua mãe. O ambiente uterino permite experiências férteis e valiosas que proporcionam a ele, o bebê, um saber particular acerca de suas capacidades e da comunicação que estabelece com a sua mãe e o entorno.

A teoria da musicalidade comunicativa mostra que existe uma natureza musical intrínseca na interação humana. Desenvolvida a partir de estudos inovadores, demonstra que na comunicação entre a mãe e o seu bebê existem padrões perceptíveis de tempo, pulso, timbre de voz e gesto, antes mesmo dele nascer. Inesperadamente e sem pretensão, a interação entre o duo mãe-bebê segue muitas das regras da performance musical, incluindo ritmo e tempo (Malloch, Trevarthen, 2009).

Para Fagard e Corbetta (2014), o bebê explora dinamicamente o ambiente uterino, realiza ações de maneiras diferentes e intencionais, além de perceber e memorizar sons e cheiros. Para mais, apontam a existência de um balbucio motor fetal, isto é, intraútero. O bebê experimenta as possibilidades de seu corpo ao usar o balbucio vocal para testar suas capacidades de linguagem oral e seus efeitos no meio social em um futuro não muito distante.

Os primeiros movimentos *in utero* são iniciados em torno da sétima semana gestacional e coincidem com a formação das primeiras sinapses e da atividade elétrica cerebral do bebê. Desde a décima quarta semana os movimentos das mãos já estão presentes e a partir da décima quarta semana o bebê é capaz de tocar e sugar os dedos e as mãos. Entre 28 e 30 semanas, ele se apresenta bastante ativo, com muitos movimentos de mãos e expressões faciais. Por volta das 34 semanas o bebê sorri e há um aumento da sua atividade flexora (Kurjak *et al.*, 2008).

As investigações de Fagard e Corbetta (2014) evidenciam que há uma continuidade entre a motricidade do bebê *in utero* e após o nascimento, ou seja, a sucção do mesmo polegar, os mesmos gestos dos braços, o pedalar das pernas, entre outras ações. Mostram também, que a maioria dos bebês, em útero materno, move o braço direito mais do que o esquerdo e leva mais o polegar direito à boca do que o esquerdo, o que revela uma tendência inata para a lateralidade motora.

Do mesmo modo, as pesquisas de Piontelli (1995) indicam não apenas uma intensa motricidade nos bebês no intraútero, mas também a existência de notável persistência em aspectos da vida pré e pós-natal. Suas observações revelam que os bebês pouco ativos em útero materno, continuam passivos depois de nascer e que os movimentos mais realizados pelos bebês ativos, como lambe e agarrar, são reproduzidos no período pós-natal. Assim, parece haver uma conservação no comportamento que transita do bebê, desde o útero materno, ao bebê após o nascimento e, por conseguinte, à criança.

Os estudos de Busnel e Granier-Deferre (1983) comprovam que, desde o intraútero, o bebê é capaz de compreender e se comunicar, apresentando sinais precoces não apenas de linguagem, mas sobretudo, de sensorialidade. Ao investigar a sensorialidade em ambiente materno, escutando a linguagem do bebê, Busnel (1997) constatou que as entradas sensoriais favorecem a sua comunicação desde o ambiente uterino. Segundo a pesquisadora, o bebê possui uma linguagem, cujas expressões manifestam uma intencionalidade e um enunciado numa gramática a ser desvendada pela escuta do outro e do entorno.

Assim, as evidências apontam que os primeiros movimentos e comportamentos de exploração, a sensorialidade e a ritmicidade vivenciadas pelo bebê, em ambiente materno, são fundamentais para sua constituição psíquica, desenvolvimento e crescimento, cujo processo é contínuo.

Por outro lado, o bebê, desde o início da vida, demanda uma interação com o outro, com a sua mãe, que dará a sustentação necessária para a sua existência, tanto do ponto de vista físico quanto afetivo. A maternagem implicada permite a constituição subjetiva, o desenvolvimento e o crescimento do bebê, que participa ativamente da interação, caracterizada, desse modo, como uma via de mão dupla. Há um enlaçamento entre o bebê e o outro, entre ele e a sua mãe, cuja relação é regida por um cenário de alienação e desejo (Parlato-Oliveira, Cohen, 2017).

À vista disso, observamos que a construção da vida está plenamente conectada às experiências sensoriais, motoras e rítmicas, desde sempre, que são ancoradas numa interação com trocas mútuas e dinâmicas entre o bebê e o outro e o entorno, especialmente entre o bebê e sua mãe.

O BRINCAR

O brincar está presente desde sempre na narrativa da humanidade e nos impulsiona ao campo da constituição do sujeito e do desenvolvimento. No quadro *Children's Games*, originalmente com o nome de *Kinderspiele*, em alemão, Pieter Bruegel (1560), pintor holandês que retratou multidões e cenas populares, mostra como o brincar e as brincadeiras eram vigentes no período do Renascimento, onde a sociedade saía pelas ruas para que todos brincassem juntos.

Objeto de estudo e de domínio de importantes teóricos, pintores, poetas e cientistas, o brincar caracteriza-se como uma das principais manifestações de linguagem do bebê e da criança.

Nesse olhar, brincar é estruturante e alinhava o curso da vida, cruzando os eixos da ontogênese e da filogênese da existência humana. Brincar agrega aspectos exploratórios e renovadores, conduzidos pela sensório-motricidade e pelo ritmo do corpo, sustentados na interpretação, na simbolização e na interação com o outro e o entorno. Para mais, brincar implica em um envolvimento ativo.

Freud (1920/1996), ao tratar do brincar de crianças, discutiu principalmente a brincadeira de seu neto de dezoito meses, o jogo do *fort-da*, que corresponde a uma brincadeira de desaparecimento e aparição de um objeto. Com uma linha amarrada a um carretel, repetidas vezes, o menino atirava o objeto segurando o cordão, de tal modo que desaparecia de sua visão, ao mesmo tempo em que emitia o som “o-o-ó”, que Freud decifrou como *fort*, isto é, “ir embora” no idioma alemão. A seguir, o menino puxava

o carretel pelo cordão, emitindo o som “da”, entendido por Freud como “retorno”.

O jogo do *fort-da* foi interpretado por Freud (1920/1996) como uma encenação de partidas e retornos da mãe, cujo menino representava o próprio abandono. Contudo, por meio da brincadeira, foi possível uma mudança de posição, quer dizer, de um lugar passivo, o menino deslocou-se para uma condição ativa, passando a ter controle sobre a ausência do objeto (da mãe) e sentir prazer ao descobrir o seu domínio acerca da desapareição. Repetir inúmeras vezes o jogo do carretel revelou, no menino, uma demanda inconsciente de garantir o poder de reencontro do objeto ausente, guiado pelo desejo de elaborar a sua angústia.

O jogo do *fort-da* é, portanto, um exemplo de envolvimento ativo que, segundo Freud (1920/1996), possibilita a elaboração de acontecimentos desfavoráveis, visto que, ao brincar, a criança reproduz vivências desagradáveis, desprendendo-se de sentimentos negativos relacionados a experiências não agradáveis e torna-se dona da situação.

Os estudos de Lacan (1964/1998) alargaram a leitura freudiana acerca do brincar, outorgando uma característica estrutural à ação lúdica e um caráter linguístico, justamente pela conexão com o significante, pelo movimento de posições e pela operação simbólica que combina a alternância entre presença e ausência, no jogo do *fort-da*. Para Lacan (1964/1998), trata-se de um jogo de ocultação, que articula dois tempos primordiais da constituição psíquica: a alienação e a separação. Segundo ele, essas são operações originárias da lógica formal que identificam o sujeito em sua dependência significante ao lugar do Outro, representado pela figura materna no jogo do *fort-da*. Na visão lacaniana, a repetição do jogo, com alternância entre presença e ausência, sem a desapareição do Outro, constitui o modelo da lógica simbólica.

Logo, observamos um momento de suma importância para a estruturação psíquica da criança no jogo do *fort-da* que proporciona o domínio do real e a realização de desejos.

Piaget (1945/1978), em seu tempo, traçou uma curva evolutiva do brincar da criança, iniciada pelas brincadeiras sensório-motoras em direção às brincadeiras simbólicas e, em seguida aos jogos de regras. Ao atribuir ao corpo a organização do real na criança, Piaget (1937/1979) afirmava que a organização da realidade física é a base da autorregulação simbólica, ou seja, é o corpo que possibilita a formação do símbolo na criança. Para ele, a formação do símbolo é explicada pela estrutura do pensamento e se torna possível apenas com o início da representação, cuja manifestação ocorre por volta dos dezoito meses.

Segundo Piaget (1945/1978), a partir do fim do primeiro mês de vida, a brincadeira sensório-motora já é identificada no bebê, caracterizando-se como um processo centrado no próprio corpo. Simultaneamente, a imitação também se manifesta, mas como um prolongamento da atividade de acomodação, na medida em que os comportamentos imitativos fazem parte de uma conduta que o bebê associa

a uma sequência de ações que tenta reproduzir, repetindo aquela já construída. Um exemplo, para ele, seria o abrir, o fechar ou o chupar a mão.

Piaget (1945/1978) falava em descobertas casuais do bebê, que são circunscritas ao seu próprio corpo, cujo resultado do exercício é o fortalecimento da ação motora que tenderá a conservar-se e se aperfeiçoar. Segundo ele, nos primeiros dois meses de vida, a imitação esporádica está presente no bebê, que repete alguns sons inclusive aqueles que, espontaneamente, foi capaz de emitir. Assim também, a voz da mãe excita a voz do bebê, que imita o som por ela produzido naquele momento, além de ser capaz de imitar sons que não tinha emitido antes. Para Piaget (1945/1978), trata-se de uma brincadeira de imitação com repetição e reconhecimento, sendo que o bebê, do mesmo modo, é capaz de sorrir por contágio ou quando a mãe brinca e fala com ele.

Na atualidade, consideramos outras categorias do brincar do bebê e da criança pequena: o brincar sensorial, que corresponde à exploração de objetos por meio da percepção e da sensorialidade; o brincar funcional, que corresponde ao uso do objeto em sua forma habitual; e o brincar de faz-de-conta, que se refere à brincadeira semi-simbólica e simbólica, cujo surgimento se dá por volta dos quinze meses (Golse, 2003).

Para Roussillon (2004), o jogo pode ser tomado tanto como uma espécie de funcionamento mental quanto como uma representação do trabalho psíquico. Ele diferencia três etapas do brincar, que são intrínsecas e entrelaçadas: o brincar auto-subjetivo, que é bidimensional e se refere às ações autocentradas do bebê, trabalhando a passagem da auto sensorialidade aos autoerotismos; são essas atividades do bebê que possibilitam o sentir e o existir. A seguir, se refere ao brincar interativo, que é tridimensional e compartilhado, o que favorece a construção da transicionalidade e a aceitação da intersubjetividade, preparando o bebê para a ocorrência da linguagem e pré-simbolizações. E, por fim, descreve o brincar intrasubjetivo, quando já há exploração e criatividade proto-simbólica e simbólica, permitindo à criança sustentar uma certa distância do adulto.

Seja em qual teoria for, o que verificamos é que o brincar faz parte do curso da vida, não se restringe a tempo, espaço, lugar ou cultura e é sinalizador do processo contínuo de constituição psíquica, do desenvolvimento e crescimento do bebê e da criança.

Entretanto, embora o brincar seja revelador da evolução da existência humana, entendemos que, hoje em dia, ele não pode ser tomado por ações caracterizadas por uma ordem determinista para todos os bebês e crianças, uma vez que cada bebê é único, cada criança é ímpar. O brincar é da ordem do singular assim como cada bebê e cada criança também o é.

O BEBÊ BRINCA DESDE O ÚTERO MATERNO?

O bebê humano, desde o início da vida, possui capacidade de fazer uso do corpo de forma formidável. Pesquisas recentes (Fagard, Corbetta, 2014; Myowa-Yamakoshi, Takeshita, 2006; Parlato-Oliveira, 2019; Piontelli, 1995; Reissland, Austen, 2018; Reissland *et al.*, 2014; Reissland, Francis, Mason, 2012; Rotenberg, Marques, Menna-Barreto, 2003; Sparling, Wilhelm, 1993; Trevarthen, 2017, 2019) apontam que suas habilidades e competências intraútero revelam-se por ações intencionais, que o conduzem pelo caminho da atividade.

O uso do corpo pelo bebê é uma forma de conexão com ele mesmo, com o outro e o entorno. Em útero materno, ele apresenta intensa sensório-motricidade ritmada, experimentando seu potencial de velocidade, força e mobilidade, unindo-o ao prazer e estabelecendo uma comunicação criativa, com propósito e desejo. Logo, o movimento corporal do bebê, no ambiente uterino, envolve vários aspectos integrativos e, essencialmente, significados.

A cada movimento que o bebê executa temos uma nova enunciação, ainda que o movimento seja repetitivo; sua ação terá sempre uma outra velocidade e uma entonação diferente. Nesse sentido, os movimentos que o bebê apresenta *in utero* não são isolados, são uma resposta ao outro e ao seu entorno.

Segundo Trevarthen e Delafiekd-Butt (2016), o bebê nasce com um espírito curioso e inventivo. Em investigações atuais, esses pesquisadores observaram ritmos em ação e invenção lúdica que evidenciam progressos conforme o corpo e o cérebro do bebê vão crescendo, o que caracteriza uma vitalidade fértil.

Após o nascimento, os primeiros sinais do brincar do bebê já são dados ao ser colocado no seio materno. Ele demonstra prazer em abrir e fechar a boca, em abocanhar e largar o bico do seio da mãe e em se enxergar nos olhos dela. Para mamar, o bebê vai em direção ao seio, desloca o próprio corpo encontrando satisfação nesse movimento e, ao mesmo tempo, gera prazer na mãe em amamentá-lo (Couvert, 2020). Nesse sentido, o bebê é um sujeito ativo, sensível, inovador e provoca mudança no outro, combinando ritmo e ludicidade (Trevarthen, 2017).

Os resultados das pesquisas de Nagy e Molnar (2004) mostram que, a partir do segundo dia de vida, o bebê está apto para imitar um movimento do modelo. Além disso, comprovam que o bebê possui capacidade de suscitar uma resposta imitativa e convidar o outro para uma interação, isto é, de produzir uma provocação. Essas imitações são acompanhadas por aumento da frequência cardíaca (Nagy, Molnar, 2004; Trevarthen, 1977). Um achado surpreendente nesses estudos é de que, além de provocar uma resposta imitativa, o bebê sustenta uma interação.

As observações e os trabalhos de Brazelton (1961) com o bebê, também ressaltam que, ao nascer, ele é um sujeito afetuoso e brincalhão, que busca significado na

interação. E sobretudo, segundo ele, a capacidade do outro para responder aos sinais do bebê é primordial na relação.

Assim sendo, desde o final do século XX, muitos estudos vêm mostrando as competências do bebê, inclusive *in utero*. Contudo, a passagem de um ambiente aquático para uma atmosfera aérea, após nascer, impõe restrições às quais ele, o bebê, tem que se adaptar.

A força da gravidade modifica os gestos do bebê e as limitações relacionadas a ela são percebidas nas suas primeiras ações. Mesmo já sabendo levar a mão à boca antes de nascer, o bebê não consegue romper a força da gravidade do ambiente aéreo no pós-natal para realizar essa ação; trata-se de uma questão de força muscular. Um exemplo disso, após o nascimento, é que raramente o bebê consegue atingir um objeto ao levar os braços em direção a ele (Fagard; Corbetta, 2014).

De acordo com Bullinger (2015), em útero materno, o bebê vive em ambiente amniótico de baixa gravidade e, depois de nascer, enfrenta a gravidade terrestre. A experiência para vencer esse desafio é, justamente, o que suscita os reflexos tônicos, que resultarão na posição anatômica humana de referência, ou seja, o ficar de pé.

As pesquisas constatarem, desse modo, que o bebê humano nasce com capacidade para realizar diversas e variadas ações, inclusive lúdicas, competência para a imitação, interação e provocação, de forma proposital. Possui também habilidade para integrar as informações de modalidades diferentes como: toque e visão, orientação da cabeça para sons, coordenação do movimento mão-boca e mão-olho, ajustamento de padrões rítmicos da sucção, entre outras (Seidl de Moura; Ribas, 2004). Para mais, possivelmente, ele dispõe de inúmeros saberes que nem conseguimos imaginar por agora.

Por outro lado, as investigações comprovam que, em ambiente uterino, o bebê coordena os movimentos corporais e faciais para seu deleite, bem como para expressar um diálogo afetivo com um outro responsivo (Trevorthen, 2017).

Esses resultados asseguram que *in utero* já são constatadas experiências intencionais não apenas consigo mesmo, mas também com o outro. Os exames de ultrassom e ecografia 4D mostram os bebês manipulando o cordão umbilical no intraútero, chutando e até mesmo arremessando uma gota de sangue deixada por uma amniocentese, entre outras condutas. Agarrar e soltar poderia, então, ser compreendido como um jogo de pré *fort-da* no útero materno (Prat, 2011).

Ou ainda, os movimentos de abrir e fechar os lábios no intraútero, que criam um ritmo, ou seja, uma presença e uma ausência (Couvert, 2020), igualmente, podem ser assimilados como um pré *fort-da*, visto que abrindo e fechando os lábios o bebê abraça o líquido amniótico. Há um prazer muscular na ação de abrir e de fechar os lábios, quer dizer, há um “sim” e um “não” presentes, sendo ele, o bebê, quem controla todo curso dessas ações.

É importante lembrarmos aqui que, até o final do século XX, os teóricos e pesquisadores estruturavam os seus trabalhos num panorama em que o bebê era visto sem emoções, desprovido de maturidade para sensações e percepções e não sentia dor. Ele era definido pelo seu meio, sendo que tudo derivava, essencialmente, do desejo e do saber do outro, da sua mãe.

Um longo caminho foi trilhado até que o bebê passasse a ser visto como um sujeito ativo, com competências próprias, habilidade para sensório-motricidade ritmada e capacidade comunicativa intencional, desde o útero materno.

Levar esse aspecto em consideração é essencial para abrirmos a possibilidade de um novo olhar ao bebê humano e darmos acesso à escuta dos seus dizeres.

Nessa lógica, a rica sensório-motricidade apresentada no intraútero não pode ser interpretada como exploração aleatória, tendo em conta todas as comprovações científicas acerca da intencionalidade do bebê nesse ambiente (Fagard, Corbetta, 2014; Myowa-Yamakoshi, Takeshita, 2006; Parlato-Oliveira, 2019; Piontelli, 1995; Reissland, Austen, 2018; Reissland *et al.*, 2014; Reissland, Francis, Mason, 2012; Rotenberg, Marques, Menna-Barreto, 2003; Sparling, Wilhelm, 1993; Trevarthen, 2017, 2019). O bebê possui a noção de corpo e o usa, propositalmente. O saber acerca do seu corpo é o que lhe permite brincar e suprir sua satisfação para além da necessidade.

Logo, a brincadeira sensório-motora parece mesmo ter seu início no útero materno, pois se o brincar autoriza o prazer e o prazer tem função estruturante, é no brincar que o corpo é colocado. Ao agarrar e soltar o cordão umbilical, em ambiente uterino, por exemplo, podemos dizer que o bebê brinca, posto que, ao realizar essa ação, ele marca o “sim” e o “não” e assim faz com que o seu corpo seja engajado no seu desejo e no seu deleite, sendo ele quem tem o domínio de toda essa façanha.

E ainda mais, o brincar não prepara o bebê e a criança para a linguagem; o brincar é uma forma de linguagem. A comunicação do bebê com o outro e o entorno é multimodal (Parlato-Oliveira, 2019).

Sabemos que brincar combina sensação, percepção, interpretação, organização, simbolização e criatividade, entre outras capacidades na execução de uma ação, além de, muitas vezes, o uso do corpo. Ao mesmo tempo, envolve emoção e júbilo. O que conhecemos, atualmente, acerca do bebê *in utero* aponta que seus comportamentos se articulam com essas qualidades e se apoiam na troca com o outro, com a sua mãe e o entorno; ele se constitui e se desenvolve na relação, cujo outro, a sua mãe, desempenha uma função crucial para sua constituição psíquica, seu desenvolvimento e crescimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os avanços científicos e tecnológicos aproximam-nos cada vez mais do universo

uterino e, embora ainda tenhamos muito a descobrir, já sabemos que o bebê humano é mesmo um ser notável. Ele fala por meio de olhares, gestos, vocalizações, choro, sorrisos, brincadeiras, enfim, ele é dotado de uma multimodalidade comunicativa.

Assim também, o bebê mostra fazer uso de sua sensorialidade e de seu corpo de forma admirável, estabelecendo trocas com o outro e o entorno, com a sua mãe, desde o ambiente uterino.

O bebê brinca *in utero* para seu deleite, por meio de movimentos e sensações, de maneira ritmada, controlada e deliberada. Assim também, ele usa a brincadeira na sua interação com o outro e o entorno, com a sua mãe, sendo justamente nesse enlace que ele se constitui, desenvolve e cresce.

Em tempos atuais, consideramos que a interlocução entre diversas áreas do conhecimento, tais como: Biologia, Epigenética, Música, Neurociências, Psicanálise, Psicologia do Desenvolvimento, entre outras, é fundamental para pensarmos e escutarmos o bebê.

Por isso, em todo este ensaio, estamos nos referindo sempre ao bebê em útero materno e não ao feto, visto que todas as evidências científicas têm apontado que ele já é um sujeito, desde o início da vida. E se é assim que o reconhecemos, é de bebê que ele deve ser chamado.

O que sabemos hoje, distante de ser tudo, nos autoriza a olhar para ele, o bebê, de uma outra forma e, com isso, fundamentalmente, reatualizarmos o nosso trabalho.

Por fim, verificamos que muitas questões em torno do bebê estão ainda por ser respondidas. Mas, todos os indícios apontam que sim, o bebê brinca desde o útero materno...

Vamos deixar que ele nos fale mais.

REFERÊNCIAS

BRAZELTON, T. B. Psychophysiologic reactions in the neonate I. The value of observation of the neonate. **Journal of Pediatrics**, v. 58, p. 508-512, 1961. Disponível em: <[http://dx.doi.org/10.1016/S0022-3476\(61\)80184-4](http://dx.doi.org/10.1016/S0022-3476(61)80184-4)>.

BRUEGEL, P. Children's Games. In: **WIKIART**: enciclopédia de artes visuais. 1560. Disponível em: <<https://www.wikiart.org/pt/pieter-bruegel-o-velho/children-s-games-1560>>.

BULLINGER, A. **Les effets de la gravité sur le développement du bébé**: L'espace de la pesanteur. Toulouse: ERES, 2015.

BUSNEL, M-C. **A linguagem dos bebês**: sabemos escutá-los? (Dir.) São Paulo: Ed. Escuta, 1997.

BUSNEL, M-C.; GRANIER-DEFERRE, C. And what of fetal audition? In: OLIVERIO, A.; ZAPPELLA, M. (Eds.). **The behavior of human infants**. Boston Ettore Majorana International Science Series. Springer, 1983. p. 93-126. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/978-1-4613-3784-3_6>.

BUTLER, S. C. *et al.* Preference for infant directed speech in preterm infants. **Infant Behavior and Development**, v. 37, n. 4, p. 505-511, 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.infbeh.2014.06.007>>.

COUVERT, M. **A clínica pulsional do bebê**. São Paulo: Instituto Langage, 2020.

FAGARD, J.; CORBETTA, D. Le développement moteur du tout petit. **L'essentiel Cerveau & Psycho.**, n. 19, 2014. Disponível em: <<https://www.cerveauetpsycho.fr/sd/cognition/le-developpement-moteur-du-tout-petit-8055.php>>.

FISCHER, C. B.; ALS, H. Trusting behavioral communication: individualized relationship-based developmental care in the Newborn Intensive Care Unit - A way of meeting the neurodevelopmental expectations of the preterm infant. In: NOCKER RIBAUPIERRE, M. **Music therapy for premature and newborn infants**. Gilsum: Barcelona Publishers. p. 1-20, 2004.

FREUD, S. (1920). **Além do princípio do prazer, Psicologia de Grupos e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XVIII.

GOLSE, B. **Sobre a psicoterapia pais-bebês: narratividade, filiação e transmissão**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

KURJAK, A. *et al.* The assessment of fetal neurobehavior by three-dimensional and four-dimensional ultrasound. **Journal of Maternal-Fetal and Neonatal Medicine**, v. 21, n. 10, p. 675-684, 2008. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/14767050802212166>>.

LACAN, J. (1964). **O seminário, livro 11: os quatros conceitos fundamentais da psicanálise**, 2008. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

MALLOCH, S.; TREVARTHEN, C. Musicality: communicating the vitality and interests of life. In: MALLOCH, S.; TREVARTHEN, C. (Eds.) In: **Communicative musicality: exploring the basis of human companionship**. Oxford: Oxford University Press. 2009. p. 1-10.

MENNA-BARRETO, L.; WEY, D. Ontogênese do sistema de temporização - a construção e as reformas dos ritmos biológicos ao longo da vida humana. **Psicologia USP**, v. 18, n. 2, p. 133-153, 2007. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-65642007000200008>>.

MYOWA-YAMAKOSHI, M.; TAKESHITA, H. Do human fetuses anticipate

self-oriented actions? a study by four-dimensional (4D) ultrasonography. **Infancy**, v. 10, n. 3, p. 289-301, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1207/s15327078in1003_5>.

NAGY, E.; MOLNAR, P. Homo imitans or homo provocans? Human imprinting model of neonatal imitation. **Infant Behavior & Development**, v. 27, n. 1, p. 54-63. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.infbeh.2003.06.004>>.

PARLATO-OLIVEIRA, E. **Saberes do bebê**. São Paulo: Instituto Langage, 2019.

PARLATO-OLIVEIRA, E.; COHEN, D. O entorno e a interação. In: PARLATO-OLIVEIRA, E.; COHEN, D. (Orgs.). **O Bebê e o Outro**. Seu entorno e suas interações. São Paulo: Instituto Langage, 2017. p. 9-13.

PIAGET, J. Les trois structures fondamentales de la vie psychique : rythme, régulation et groupement, **Revue Suisse de Psychologie et de Psychologie Appliquée**, n°s 1-2, 1942. Disponível em: <https://www.academia.edu/40733066/Les_trois_structures_fondamentales_de_la_vie_psychique_rythme_r%C3%A9gulation_et_groupement_de_Jean_Piaget_1942_entre_deux_programmes_de_recherche>.

PIAGET, J. (1945). **A formação do símbolo na criança**: imitação, jogo e sonho, imagem e representação. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

PIAGET, J. (1937). **A construção do real na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

PIONTELLI, A. **De feto a criança**: um estudo observacional e psicanalítico. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

PRAT, R. Aux origines du narcissisme? l'autre : nature des expériences relationnelles précoces. **Le Carnet PSY**, v. 4, n. 153, p. 24-32, 2011. Doi: 10.3917/lcp.153.0024.

RATCCLIFF, M. J. Les trois structures fondamentales de la vie psychique, rythme, régulation et groupement, de Jean Piaget (1942): entre deux programmes de recherche. **Archives de Psychologie**, v. 66, p. 23-33, 1998. Disponível em: <https://www.academia.edu/40733066/Les_trois_structures_fondamentales_de_la_vie_psychique_rythme_r%C3%A9gulation_et_groupement_de_Jean_Piaget_1942_entre_deux_programmes_de_recherche>.

REISSLAND, N.; AUSTEN, J. Goal directed behaviours: the development of pre-natal touch behaviours. In: **Reach-to-Grasp Behavior: Brain, Behavior, and Modelling Across the Life Span**. Corbetta, Daniela & Santello, Marco Abingdon, Oxon: Routledge. 2018. p. 3-17. Doi: 10.4324/9780429467875-1.

REISSLAND, N.; FRANCIS, B.; MASON, J. Development of fetal yawn compared with non-yawn mouth openings from 24-36 weeks gestation. **PLOS ONE**, v. 7, n. 11, e50569, 2012. Doi: 10.1371/journal.pone.0050569.

REISSLAND, N. *et al.* The development of anticipation in the fetus: a longitudinal account of human fetal mouth movements in reaction to and anticipation of touch. **Developmental Psychobiology**, v. 56, n. 5, p. 955-963, 2014. Doi: 10.1002/dev.21172.

ROTENBERG, L.; MARQUES, N.; MENNA-BARRETO, L. História e perspectivas da cronobiologia. In: MARQUES, N.; MENNA-BARRETO, L. **Cronobiologia: Princípios e Aplicações**. São Paulo: EDUSP. 2003. p. 31-53.

ROUSSILLON, R. Le jeu et le potentiel. **Revue Française de Psychanalyse**, v. 68 (janvier-mars), n. 1, p. 79-94. 2004. Disponível em: <https://bsf.spp.asso.fr/index.php?lvl=notice_display&id=54900>.

SEIDL DE MOURA, M. L.; RIBAS, A. F. P. Evidências sobre características de bebês recém-nascidos: um convite a reflexões teóricas. In: SEIDL DE MOURA, M. L. **O bebê do século XXI e a psicologia em desenvolvimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2004. p. 21-59.

SPARLING, J. W.; WILHELM, I. J. Quantitative measurement of fetal movement: physical & occupational therapy. **Pediatrics**, v. 12, n. 2-3, p. 97-114, 1993. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/J006v12n02_06>. TREVARTHEN, C. Descriptive analyses of infant communicative behavior. In: SCHAFER, H. R. (Ed.), **Studies in mother-infant interaction**. London: Academic Press, 1977. p. 227-270. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/245877422_Descriptive_analyses_of_infant_communication_behavior>.

TREVARTHEN, C. The self-born in intersubjectivity: the psychology of an infant communicating. In: NEISSER, U. (Ed.). **The perceived self: ecological and interpersonal sources of self-knowledge**. Cambridge: University Press, 1993. p. 121-173. Disponível em: <<https://doi.org/10.1017/CBO9780511664007.009>>.

TREVARTHEN, C. La communication de l'expérience par l'intersubjectivité: comment les bébés saisissent les sens de nos actions et de nos paroles. In: **Intersubjectivité. Revue Psychiatrie Française**, v. 2, p. 8-44, 2004.

TREVARTHEN, C. Maternal voice and communicative musicality: sharing the meaning of life from before birth. In: FILIPPA, M.; KUHN, P.; WESTRUP, B. (Eds.). **Early vocal contact and preterm infant brain development**. Bridging the gaps between research and practice. Springer, 2017. eBook. p. 3-23. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/978-3-319-65077-7_1>.

TREVARTHEN, C. O bebê nosso professor, poeta e músico. In: TREVARTHEN, C.; AITKEN, K. J.; GRATIER, M. (Orgs.). **O bebê nosso professor**. São Paulo: Ed. Langage, 2019. p. 14-24.